

23 dezembro 2024 - 21:59

Proença não!

Pedro Proença foi eleito para o seu primeiro mandato em 2015, herdando uma estrutura concorrencial no mercado dos direitos televisivos que produziu o maior aumento de receita da história do futebol português e, em percentagem, o maior aumento de todas as principais ligas europeias. Em 2016, aberrantemente, a Autoridade da Concorrência permitiu a operação de concentração entre as principais operadoras (NOS, Vodafone e MEO) em Portugal no capital da SPORTV e com isso acabou a concorrência pelos direitos televisivos. Os clubes com contratos mais curtos e que os renovaram no ciclo seguinte, fizeram-no por valores substancialmente inferiores precisamente porque a concorrência desapareceu. Pedro Proença, com a NOS como principal patrocinador da LPFP na altura, nunca fez nada, nunca quis fazer nada, ou nunca conseguiu fazer nada, para mudar esse estado de coisas.

Foi também sob a batuta de Pedro Proença que se promulgou o decreto-lei que obriga à negociação centralizada dos direitos audiovisuais. Este diploma incluí no seu preâmbulo o objetivo expresso de diminuir a desigualdade na distribuição das receitas geradas. A lei pode ser do governo, mas como é óbvio foi feita em conjunto com FPF e LPFP. E sofre de um erro crasso que é achar que é uma fraqueza precisamente aquela que é a maior força do futebol português – a concentração de 10 milhões de adeptos em três cestos, que consegue fazer de um país pobre com fraca base comercial, uma potência desportiva de clubes no panorama internacional. E pior, nada se sabe de nada feito para um processo que tem de culminar com uma proposta de modelo já na próxima época desportiva.

Lembrar também que temos a Liga em que as receitas das competições europeias representam uma maior percentagem do total, por larga distância. Somos precisamente quem mais beneficiaria da expansão da Champions para 10 jogos na fase de grupos como havia sido proposto pela UEFA. Mas Proença ficou ao lado das principais ligas, com interesses antagónicos e focados na proteção dos seus mercados nacionais e opôs-se à expansão, que ficou pelos oito jogos. Trocámos duas jornadas de Champions por jogos de qualificação da taça da Liga.

Por último, a reformulação dos quadros competitivos. Ou se quiserem, a não reformulação. Temos 18 equipas a duas voltas numa liga em que apenas uma mão cheia de jogos tem audiências significativas, seja no estádio ou na televisão. Este formato dispersa por demasiados clubes uma base comercial já de si pequena, enquanto não retira desta o seu máximo potencial. Três mandatos não foram suficientes para uma estratégia ou sequer uma reflexão sobre o tema.

Naturalmente que enquanto benfiquista tenho más memórias de Pedro Proença. Dirão que foi o melhor árbitro português desde há muito. Que seja. Para mim só piora a situação. Porque os árbitros só erram por duas razões. Por querer ou sem querer. E quanto melhor o árbitro, menor a probabilidade de errar sem querer. Porque errava tanto então Proença contra o Benfica?

